

Não é nenhuma novidade que no Museu Thyssen-Bornemisza olhamos para as nossas salas como se elas fizessem parte de um espaço através do qual é possível transitar e onde é permitido realizar diferentes percursos. Sempre procurámos assuntos, ideias ou motivos que nos permitissem ir de uma obra para a outra, sem obedecer a uma razão cronológica.

Agora existe uma nova componente que é a de tentar analisar alguns destes caminhos de descoberta e uni-los àquele que, desde a Idade Média, foi traçado como um caminho de transmissão de conhecimentos e de encontros: o Caminho de Santiago.

O Caminho de Santiago foi declarado Património da Humanidade, Itinerário Cultural Europeu e recebeu o título honorífico de “Rua Principal” da Europa, o que demonstra a sua importância como rede cultural europeia.

E *Os Contos do Caminho* é o título do projecto que realizamos em colaboração com a editora OQO, La Compagnie Créative, o Bichinho de Conto e o Museu Thyssen-Bornemisza, o qual se enquadra no Programa Cultura 2007-2013 da União Europeia.

Este guia didáctico destina-se a professores e alunos, e nele se plasma a ideia do caminho como uma enorme rede de cultura humana. As colecções do Museu inspiraram-nos para criar três itinerários temáticos através do seguinte fio condutor:

1

Um labirinto de caminhos

2

Viagens e viajantes

3

Abrir caminhos

1

Um labirinto de caminhos

Neste percurso é proposta a ideia do Museu como um labirinto, como um espaço onde cada visitante traça o seu caminho e que, por isso, converte o Museu num cruzamento de caminhos. Coloca-se também a ideia do labirinto como um jogo e a sua relação com os jogos tradicionais, como o do Ganso.

2

Viagens e viajantes

O afã de viajar do homem levou-o ao longo da história a percorrer países e a criar rotas que foram fonte de descobrimentos e de conhecimento. Através das obras da coleção aproximamo-nos das grandes rotas, como a Rota da Seda, e aprenderemos o que é o *Grand Tour* ou apreciaremos os descobrimentos das rotas científicas no continente americano.

3

Abrir caminhos

O caminho da história da arte está sulcado de artistas que foram criando novas vias. As mudanças de pensamento e as mudanças estéticas favoreceram alterações, algumas vezes subtis e outras vezes radicais, na representação da realidade que nos rodeia.

3

Abrir caminhos

Actividade 1

Vamos propor-vos trabalhar com a relação entre caminho e marca. Sobre um longo caminho que podes criar no chão com um papel contínuo, deixa as tuas impressões recorrendo a técnicas como o *dripping* de Pollock. Desta forma conjugarás o gesto e o movimento do teu corpo à pintura. Utiliza têmpera líquida para este trabalho, e podes também usar, à semelhança de Pollock, paus e outros objectos para conduzir a pintura.



Willem de Kooning
Homem vermelho com bigode, 1971
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

Actividade 2

Na segunda metade do século xx houve artistas que voltaram a tomar o caminho da realidade e da representação figurativa. O hiper-realismo ou foto-realismo dá lugar a obras próximas da reprodução fotográfica, nas quais o artista adopta uma visão mecânica e se converte num olho fixo e imóvel. Muitas vezes devolvem-nos imagens que mostram a cidade como uma envolvente fria, vazia, desabitada e com personagens isoladas.

Podes usar a tua câmara digital, escolhe um tema e cria um álbum digital: por exemplo, sobre os aspectos da vossa escola, da sua envolvente, do vosso bairro. Podes simplesmente centrar-te na arquitectura, nas árvores ou nos elementos publicitários, ou procurar reflexos, ao estilo de Richard Estes.

Robert Rauschenberg, *Express*, 1963
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Actividade 3

A partir desta obra propomos-te que analises um conjunto de aspectos relacionados com os contributos que Edgar Degas deu à pintura. Pensa qual será o tema desta obra e descobre quais foram os outros temas que interessaram a este pintor.

Degas interessou-se pela fotografia, vê se descobres até que ponto esta técnica influi na sua pintura. Consegues saber a partir de onde está a observar a cena?

Edgar Degas
Numa chapelaria, 1882
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Actividade 4

Os pintores surrealistas plasmaram nas suas telas imagens próprias dos sonhos, do subconsciente, tudo o que era irracional lhes atraía. Incorporaram novas técnicas à criação, como a escritura automática, e na pintura, por exemplo, o “frottage”, que consistia em friccionar um papel ou uma tela sobre uma superfície ou objecto com textura ou relevo, de forma a obter uma nova imagem do objecto em questão.

Sugerimos-te o seguinte: escolhe diferentes objectos não muito grandes, como uma moeda, um pau, uma pedra, ou qualquer outra coisa que possas imaginar. Coloca aleatoriamente os objectos por cima de um papel e com a ajuda de um lápis sombreia-os até começarem a surgir as suas formas. Depois podes completar com a técnica da collage ou aplicar pintura, consoante o teu gosto.



Max Ernst

Árvore solitária e árvores conjugais, 1940

Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



DG Educación y Cultura

Programa Cultura

Organiza:

educa●●●
thyssen

OQO editora



O Bichinho De CONTO
editora



Colabora:



XACOBEO 2010
Galicia

Os contos do caminho

O caminho da história da arte está sulcado de artistas que foram criando novas vias. As mudanças de pensamento e as mudanças estéticas favoreceram alterações, algumas vezes subtis e outras vezes radicais, na representação da realidade que nos rodeia.

Desta forma, a arte do final do século XIX abriu infinitas possibilidades temáticas. O impressionismo, por exemplo, aproveitou a representação da realidade para aprofundar nas suas investigações sobre a luz e recolher cenas da vida contemporânea: a vida na cidade moderna, o bulício das pessoas, os cafés e as tertúlias, os espectáculos nocturnos e as possibilidades da iluminação artificial, as reuniões campestres, as corridas de cavalos ou os passeios num jardim.

Além da mudança no protagonismo dos denominados géneros menores face aos maiores, outro aspecto que muda radicalmente é a execução da pintura. Perante o interesse por parte da pintura académica em eliminar qualquer vestígio do processo e em procurar que não se vejam nem os materiais nem a técnica, a pintura moderna, pelo contrário, começará a ressaltar esses elementos. Um quadro é uma tela manchada, já não é uma janela como no Renascimento. Os pintores chegarão a utilizar os pigmentos tal como saem da bisnaga, sem misturar, mostrarão a tela sem camada de fundo e trabalharão com as texturas para destacar o poder expressivo da pincelada.

Abrir caminhos

Pierre-Auguste Renoir
Mulher com sombrinha no jardim, 1875
(pormenor)

Vincent van Gogh
"Les Vessenots" em Auvers, 1890
(pormenor)



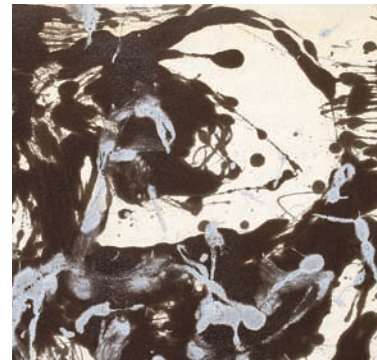
Pablo Picasso
Homem com clarinete, 1911-1912
(pormenor)

Wassily Kandinsky
Pintura com três manchas, 1914
(pormenor)



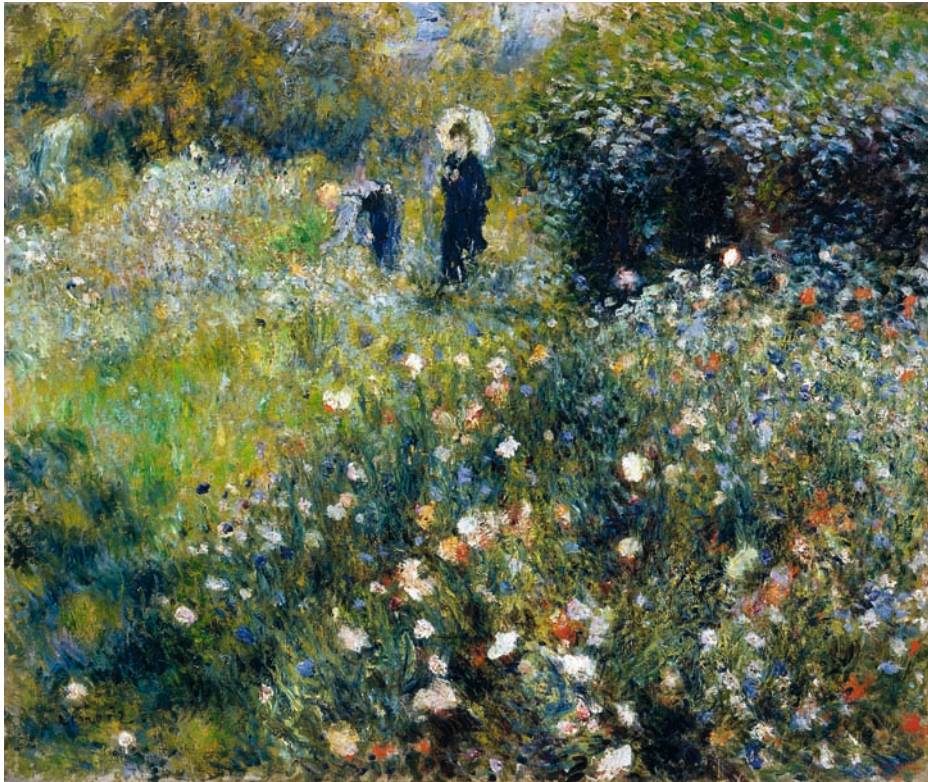
Jackson Pollock
Castanho e prata I, c. 1951
(pormenor)

Richard Estes
Nedick's, 1970
(pormenor)



Pierre-Auguste Renoir
Mulher com sombrinha no jardim, 1875

Óleo sobre tela. 54,5 x 65 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Mulher com sombrinha no jardim é uma obra na qual podemos apreciar a marca dos pintores impressionistas. O horizonte desapareceu e Renoir centra-se em mostrar a exuberância do jardim, construído com pequenas manchas de cor. O jogo de contrastes cromáticos e a utilização da pincelada empastada criam uma superfície rica em texturas.

Este era o jardim da casa de Renoir em Montmartre, um jardim em estado quase selvagem, que foi um dos aspectos que mais o atraiu da casa. Além dos arbustos e dos maciços de flores, aparecem em cena duas pessoas. Uma com vestido escuro e com uma sombrinha branca e, ao lado dela, um homem agachado, que podia estar a colher uma flor. Pela roupa que veste, calças de peito e chapéu de palha, parece um jardineiro.

Vincent van Gogh “Les Vessenots” em Auvers, 1890

Óleo sobre tela. 55 x 65 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



A história da arte não tem uma trajetória linear, vão-se cruzando caminhos e tendências. Encontramos importantes mestres, como Cézanne, Van Gogh ou Gauguin, que propiciaram o desenvolvimento de outros movimentos. Por outro lado, regista-se a irrupção dos jovens como Picasso, Braque e Kirchner, que romperam radicalmente com o estabelecido e traçaram outros caminhos.

Vincent van Gogh recolheu a influência de pintores seus contemporâneos. Aprendeu a técnica dos pintores impressionistas e foi capaz, a partir de então, de criar um estilo pessoal que abriu o caminho às seguintes gerações. A obra de Van Gogh foi admirada pelos artistas fauvistas e expressionistas, que tomaram como modelo a sua exaltação da cor e a força das suas pinceladas empastadas e vibrantes.

“Les Vessenots” em Auvers era a zona onde vivia o Doctor Gachet, que era o responsável, a pedido do seu irmão Theo, de cuidar da saúde do pintor. Nas últimas paisagens que pintou, Van Gogh utiliza um horizonte muito alto, o que faz com que quase toda a superfície da tela seja ocupada por um campo de trigo. Ao fundo, umas colinas e um céu sulcado por alguma nuvem. Mais próximo estão as casas de Auvers com os seus telhados de palha e telha.

Pablo Picasso
Homem com clarinete, 1911-1912

Óleo sobre tela, 106 x 69 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Talvez a ruptura mais radical registada em toda a história da arte teve lugar na primeira década do século XX e foi a proposta que abriu a arte a outra dimensão: o cubismo.

A tradição renascentista, que nos apresentava o quadro como uma janela aberta para uma realidade visual perfeitamente ordenada e proporcionada, sofreu uma profunda transformação. O mundo começou a ser visto sob outro prisma, fragmentado, em movimento, abstracto, com cores vibrantes ou carregado de matéria.

Pablo Picasso e Georges Braque foram os criadores desta nova linguagem, com a qual a pintura iniciou um caminho inédito. As cores foram-se reduzindo a tonalidades verdes, cinzentas e castanhas. As formas tornaram-se cada vez mais geométricas e, amiúde, o fundo e a figura fundiam-se. Os objectos atomizam-se numa infinidade de planos geométricos que o espectador deve reconstruir mentalmente.

Homem com clarinete foi pintado no Outono de 1911 ou no Inverno de 1912, após o Verão passado por Picasso a pintar junto de Braque. É possível reconhecer, apesar da forte abstracção, elementos que facilitam a leitura, como o esquema do rosto, algumas partes nas quais se reconhece o clarinete, linhas curvas que podem ser os dedos, e umas volutas ao fundo que podem pertencer a uma cadeira.

Wassily Kandinsky
Pintura com três manchas, 1914

Óleo sobre tela, 121 x 111 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Kandinsky foi um dos artistas pioneiros da pintura sem tema, da pintura puramente abstracta.

Em *Pintura com três manchas* observamos três formas irregulares de cor vermelha, azul e verde, que centram e dão o título à composição. À sua volta surgem outras formas cujo movimento circular faz-nos pensar na ideia da criação do cosmos.

Existe um desenho preparatório a tinta para este quadro, onde ainda é possível distinguir alguns elementos figurativos como uma barca, algumas personagens e uma forma circular sobre a qual escreveu “Kr” (*Krasnoe*, vermelho em russo), que pode ser uma representação do sol, e que posteriormente eliminou da tela.

Jackson Pollock

Castanho e prata I, 1951

Esmalte e pintura prateada sobre tela. 144,7 x 107,9 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Durante a segunda metade do século XX ocorrem as idas e vindas da abstracção para a figuração e vice-versa. Por outro lado, o centro da vanguarda desloca-se de Paris para Nova Iorque, estabelecendo-se outra direcção nos caminhos pelos quais transitaram as novas propostas plásticas.

O pintor norte-americano Jackson Pollock deixou de utilizar o pincel como mediador entre o seu pensamento e a tela, e substituiu-o pelo gotejamento directo e sem controlo da pintura a partir da própria lata, técnica denominada *dripping*. O quadro já não tem moldura, apoia-se directamente no solo, e desta forma o artista percorre todo o seu espaço, rodeando-o e, inclusivamente, passando sobre ele.

Por isso, quando contemplamos uma obra de Pollock também devemos pensar no processo, em como foi pintada e nos gestos que o artista realizou para criar esta obra. Esta técnica foi denominada *action painting*, pintura de acção, devido ao papel fundamental que nela tem o aspecto corporal, o gesto e o próprio acto de pintar.

O pintor utilizou a técnica do gotejamento, mas também usou alguns instrumentos para distribuir a pintura, como paus e seringas.

Richard Estes *Nedick's*, 1970

Pintura acrílica sobre masonite. 122 x 175,3 cm
Coleção Carmen Thyssen-Bornemisza, em depósito
no Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Richard Estes é um dos representantes do denominado foto-realismo americano. A cidade de Nova Iorque é talvez o tema que mais o interessou, embora muitas outras cidades tenham sido objecto das suas pinturas.

O seu método de trabalho passa pela realização de diferentes fotografias do lugar, que depois utiliza no seu estúdio para compor a obra. Um elemento que aparece frequentemente nas suas obras são os vidros reflectores e os espelhos, e, conseqüentemente, a criação de espaços reais e ilusórios.

Em *Nedick's* o pintor mostra ao mesmo tempo uma paisagem urbana exterior e um espaço interior na loja que é o objecto desta pintura. A paisagem desaparece pelo lado esquerdo do quadro; vemos, num primeiro plano, os edifícios e o asfalto da estrada mas, à medida que a nossa vista avança, começamos a ver os edifícios através dos vidros da loja. O interior é um labirinto de vidros e espelhos, de transparências e de reflexos, que confundem o espectador.

Edição
Fundación Colección Thyssen-Bornemisza

Textos
Elena Rodríguez

Coordenação
Ana Moreno

Desenho gráfico
Sánchez/Lacasta

Pré-impressão
Lucam

Impressão
Brizzolis

Todos os direitos reservados
© dos textos: os seus autores
© da presente edição: Fundación Colección Thyssen-Bornemisza